

PRÓLOGO

Cidade de Prata, Paradísia, 11.000 A.C.

Enfileirados em formações marciais, desarmados e imóveis estavam todos aqueles que, ao fim do levante de Lúcifer, foram acusados de não tomar partido algum na rápida guerra. Milhares de celestiais humilhados pelo pecado da omissão. Anjos da casta dos recíperes caminhavam entre eles brandindo suas lâminas curvas, lançando olhares ameaçadores. Também chamados de ceifadores, os recíperes eram conhecidos por suas habilidades peculiares e extrema lealdade e eram responsáveis pela coleta das almas humanas no plano físico. O próprio Uriel, serafim patrono da casta, liderava seus celestiais na tortura psicológica aos indolentes. Vez por outra, parava diante de um dos acusados adotando alguma expressão que sugerisse que conhecia o irmão alado, somente para depois ranger os dentes ou oscilar a cabeça denotando desapontamento e desprezo.

O rosto do guerreiro era bonito, mas estava marcado com um corte recente, transversal, que poupava o olho direito por milímetros, o cabelo cortado curto, castanho-claro. Sua armadura era composta por uma placa única no peitoral feita de metal escuro e muito resistente, encimado por ombreiras igualmente rijas, manoplas e caneleiras da mesma cor protegiam seus braços e pernas, não usava elmo e talvez por isso Lúcifer o tivesse atacado justamente no rosto. Muitos dos ceifadores ainda estavam feridos, vítimas do combate recente e, aos poucos, o piso claro do Castelo começava a ganhar manchas rosadas.

O Castelo de Júpiter era a maior edificação de toda a Cidade de Prata, o chão era feito do mais alvo mármore, suas arcadas eram gigantescas, mediam vinte metros de altura com oito de largura, o teto não estava a menos de duzentos metros, sustentado por pilares cilíndricos tão colossais que dez anjos não seriam suficientes para abraçar sua circunferência. Com exceção do piso, liso e reflexivo, toda superfície em pedra branca era entalhada com runas cabalísticas, as quais a maioria dos anjos não sabia identificar. O salão onde estavam, por ser muito próximo à Morada Divina, não era dotado de janelas; setenta e sete imensas rosáceas permitiam que a luz externa entrasse multicolorida tornando o ambiente ainda mais esplêndido. Possuía somente duas enormes e reforçadas portas e por uma delas pouquíssimos celestes tinham permissão de atravessar. Ela dava acesso a uma passarela externa que cruzava um abismo, possibilitando, assim, chegar aos portões do Solarium.

Miguel havia atravessado a porta, cruzado a passarela e, no momento, estava em audiência com o *Primogênito*. Quando voltasse, traria consigo a sentença aos anjos indolentes.

— Muita demora — disse Uriel a ninguém em particular, caminhando entre os anjos em formação. — Cada minuto que permanecem conosco é um insulto aos que pereceram para impedir a ambição de Lúcifer. O Tártaro é o lugar adequado a esses traidores.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Tem paciência, irmão — protestou, de modo manso, Gabriel. Estava sentado descuidadamente nos degraus que davam acesso à porta a qual Miguel cruzara. Tinha cabelos loiros, quase brancos, compridos, desgrenhados. Estavam presos à altura da nuca, mas algumas mechas escapavam ao nó, grudando no suor do rosto forte e decidido. Sua cota de malha era feita de metal dourado, protegia do pescoço até pouco acima dos joelhos e era presa na cintura por um cinto de couro negro que sustentava a bainha de sua espada longa ornamentada e também forjada em minério fulvo. As manoplas e caneliras eram igualmente louras. O Mensageiro de Deus poderia competir em aparência com o Portador da Luz, não fosse sua postura desleixada e hábitos pouco vaidosos, típicos daqueles que vivem entre uma viagem e outra. — A pressa não pode ser motivo para um julgamento errôneo. Tu achas que nosso irmão ambicioso não tem motivos para odiá-los também? Qual será o destino deles se forem lançados ao mesmo fosso que Lúcifer?

— Um preço justo a ser pago por covardes que aguardavam um lado sagrar-se vencedor para, só então, lhe prestar apoio — rebateu o Ferreiro de Deus. — Eu confiava em Lucibel, eu lhe forjei a lâmina que empunhou contra mim. Olha meu rosto, Gabriel. Nosso irmão queria partir minha cabeça ao meio. Nosso irmão! Ombreamos juntos contra deuses e demônios, contemplamos juntos o Pai construir a Cidade de Prata, recebemos, lado a lado, as bênçãos de Demiurgo. Se meu irmão foi capaz de me trair, como posso confiar nestes que já se provaram indignos?

— Todos merecem uma segunda chance, Uriel. Sabemos que um dia Lúcifer se erguerá do Tártaro — disse, menos tranquilo, Gabriel, levantando-se dos degraus ao ouvir o ranger da porta atrás de si. — Nesse dia a espada que tu forjaste será novamente empunhada contra nosso Pai. A decisão que for tomada aqui hoje definirá quais serão as fileiras de exército engrossadas por estes irmãos ignavos.

— Ignavos... uma alcunha digna a estes desprezíveis. Mas responde, Gabriel: darias tu segunda chance a nosso irmão? — perguntou em tom de escárnio o anjo de armadura negra.

— Sim — respondeu sem hesitar o serafim de espada dourada. — Sem dúvidas, eu daria.

Miguel atraiu para si toda a atenção do salão. Ainda no segmento mais elevado do recinto, correu os olhos pelas fileiras de alados procurando alguém. Sua pele morena, queimada de sol, estava molhada de suor; sua armadura era semelhante à de Uriel, mas o metal com o qual era forjada tinha um tom vermelho-sangue, estava muito riscada por golpes de lâminas e o meio-elmo de lateral pontuda repousava entre o braço e o flanco do General de Deus. A tonalidade de seus olhos azuis contrastava com capilares vermelhos que circundavam sua íris. Os cabelos negros eram curtos e estavam amassados pelo elmo, empapados de suor e sangue.

— Onde está Rafael? — perguntou simplesmente.

— Onde mais estaria, irmão?! Lá fora, curando os feridos — respondeu Gabriel.

— Convoca-o — ordenou, mirando uma sentinela próxima à imensa porta.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

A sentinela partiu sem hesitar e, algum tempo depois, Rafael adentrava a antecâmara do Solarium. Suas vestes estavam imundas de sangue. Não usava armadura, seu corpo esguio era envolvido por uma confortável toga branca que oferecia contraste com a pele escura do Curandeiro. Seus olhos eram castanhos esverdeados e seus cabelos crespos e negros caíam em uma grossa trança que ia da nuca até a cintura. A atmosfera de tranquilidade que trazia consigo tentou alguns dos anjos perfilados a voltarem suas atenções para trás, a fim de apreciar, por um instante que fosse, um pouco de paz e esperança.

— Necessitas de mim, Miguel? — perguntou Rafael com voz calma e firme.

— Farás parte na execução da sentença destes irmãos celestes.

— Não há assuntos mais urgentes a se tratar no momento? — questionou uma vez ainda, mas desprovido de tom desafiador ou irônico.

— Todas as questões serão dirimidas, irmão. Não percamos mais tempo discutindo. Logo poderás tu retornar àqueles que te necessitam. Pois é aquele *Nascido antes de todos os séculos* que assim te ordena.

O Curandeiro assentiu oscilando a cabeça para cima e para baixo somente uma vez e permaneceu, então, em silêncio. Uriel voltou a caminhar entre os anjos perfilados e Gabriel desceu as escadas de modo a isolar Miguel em posição elevada no salão.

Miguel pôs o elmo no chão com cuidado, caminhou até a beira do segmento e bradou forte:

— Vós que aqui estais, sabeis de vosso crime. A omissão que assumistes, quando da rebelião de Lúcifer, poderia ter destruído o Reino de Deus. Se vossas espadas não foram empunhadas em favor da causa do inimigo, também não se impuseram ao caminho dele. Lucibel seduziu um terço de nossos irmãos, questionou a autoridade e o poder de Demiurgo, avançou com suas tropas sobre as escadarias do Castelo de Júpiter e se o Filho de Deus não tivesse desembainhado a “Mil Sóis” e arremessado os revoltosos ao Lago de Sangue e Fogo, esses falsos revolucionários teriam profanado o Solarium, a morada de nosso Pai Eterno. — Miguel não falava alto, mas sua voz ecoava forte em cada ponto do salão. — Nobres guerreiros pereceram neste triste episódio, outros foram feridos na carne e na alma ao duelar com seus irmãos. O Paraíso, caríssimos, nunca mais será o mesmo. Enoja-me imaginar que irmãos, que sois, esperavam o desfecho do embate para então dobrar os joelhos e oferecer vossas lâminas e vossa lealdade ao lado vencedor. Entristece-me perceber a sabedoria e fé que a vós faltaram ao não assumir como óbvia a vitória de Deus Pai. Talvez o correto fosse arremessar-vos ao Abismo juntamente com nossos irmãos ambiciosos, uma vez que, para compactuar com o mal, basta não impedi-lo. No entanto, o Primogênito entende que lá aqueles que cáram primeiro ressentir-se-iam de vós e então vós pagaríeis uma segunda pena por vosso crime de letargia. — O serafim observava cada semblante e, embora a maioria não deixasse transparecer sentimento algum, Miguel captava a dor generalizada que ali se estabelecia. Um querubim de aparência infantil derramava grossas lágrimas e, em um momento ou dois, teria aberto a boca a fim de protestar, mas não

encontrou coragem para tanto, ainda que as pausas no discurso de Miguel servissem a este propósito. — A pena aplicada, portanto, será mais branda, mas não menos provida de justiça. Aqui, quatro dos sete serafins arcanjos compactuarão na aplicação de vossa pena, que será de exílio. Rafael — disse, então, ao irmão —, tu cantarás e farás com que cada condenado aqui adormeça. Eles só deverão despertar no dia do Juízo. Essa é a maior prova de piedade de Nosso Senhor, uma vez que não sofrerão angústias com o passar de infindáveis séculos. — Miguel observou a evidente surpresa do irmão, os olhos se arregalaram e a boca abriu, trêmula, mas, assim como o querubim criança, não pôde proferir seu protesto. — Os recíperes que guardam os condenados devem se retirar. Somente o mais poderoso dos ceifadores é capaz de suportar o canto do Curandeiro. À Chama de Deus, o mais impiedoso dos servos de Demiurgo — bradou com o olhar pousado em Uriel —, cabe impedir que alguém escape daqui após a última sentinela deixar o salão. Uma vez adormecidos, eu concederei aos condenados a mais perfeita das máscaras, um invólucro adequado ao plano físico que será marcado com meu glifo. Essa marca tornará indetectável a carne mundana do condenado, impedindo assim que algum justiceiro que desça dos Céus ou escape do Abismo rastreie um indolente para saciar sua sede de vingança. E a Gabriel, o Mensageiro de Deus, incube a missão de exilar os condenados. Seus corpos deverão ser transmutados em energia bruta, lançados individualmente a vários pontos do mundo mortal e somente ganharão forma novamente quando entrarem em contato com a matéria terrena, se solidificarem e se tornarem unos aos minérios mundanos. O barro e a rocha serão vosso cárcere e vossa tumba, erguer-vos-ão da terra no dia da Revelação para, assim como os mortais, enfrentardes o julgamento do Criador. Esta, irmãos, é a vossa sentença.

Tenho a impressão de que o trabalho mais árduo quedou a mim. Como sempre, aliás — Refletiu Gabriel, divertido, mas não verbalizou seu pensamento, pois sabia que não era apropriado, não era engraçado, talvez até doentio. Estava satisfeito, no entanto. Seu senso de justiça deveria ser muito semelhante ao do **Nascido antes de todos os séculos**. Concordava que aniquilação era exagero, exílio ao Tártaro seria crueldade e o simples exílio à Terra era injustiça com os que morreram enfrentando Lúcifer. Ainda que, diante da anunciação da sentença, Uriel oscilasse a cabeça negativamente mordendo o lábio inferior e franzindo o cenho, e Rafael abaixasse a sua, permitindo que algumas lágrimas caíssem de seu queixo, molhando a toga já úmida de sangue alheio, Gabriel tomava como adequada a pena aplicada: tinha propósito, era justa e não incitaria justiceiros menos disciplinados em demandas vingativas. Atravessou as fileiras ignavas, caminhou até Rafael e repousou a mão no ombro do irmão, sem, no entanto, lhe olhar. Focou a porta, observando os ceifadores se retirando e, quando o último deles saiu, cerrando com um estrondo surdo a enorme folha da arcada, o Mensageiro de Deus deu três amistosos tapas no ombro de Rafael, apertando-lhe com gentileza os músculos no último toque e então se afastou. Só então o Curandeiro ergueu o olhar. Os anjos condenados, de costas a ele, não podiam contemplar seu pesar e nenhum dos irmãos serafins optou por lhe fitar os olhos esverdeados.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

E Rafael inspirou e cantou. Sua voz era sublime, seu tom era afável e seu timbre era potente. E daquele dia até o dia do Armagedom, a vida dos anjos indolentes, que não tomaram partido nem de Deus nem do Diabo no levante megalomaniaco de Lúcifer, seria o escuro e o silêncio.

Mas não foi isso o que aconteceu.

I

Monte Hérmon, Terra, 4503 A.C.

A neve do cume do monte cobria os pés do celestial estático há horas. A noite se aproximava e ele aproveitava os últimos raios de sol para contemplar a vastidão marrom e verde que se estendia até o horizonte. O ar gelado da montanha era inofensivo a sua saúde, mas sentia-o com ímpeto em sua pele alva. Sua túnica negra, bem como os compridos cabelos cor de neve, dançava ao sibilar do vento gélido. Seus olhos cinzentos maravilhavam-se com os milagres terrenos. Sabia que, embora pisasse em gelo, as terras que observava eram assoladas no momento por um calor escaldante. Os mortais que viviam naquelas terras áridas sofriam com o calor, mas necessitavam dele para viver — uma relação ambígua que encantava o líder das sentinelas celestes, chamadas Grigori. O anjo refletia sobre o calor fazendo analogia com seu dilema atual. Sentia-se desejoso de certo ardor, era quase uma necessidade, um vício. Tal calor poderia lhe ser motivo de morte e desgraça, no entanto, jamais sentira a chama da vida queimar com tanto vigor dentro de si como quando envolto nos braços mornos da jovem Istehar.

— Samyaza — chamou a voz familiar —, pensei que te encontraria em teu belíssimo templo. O que fazes plantado aqui no gelo?

O anjo não precisou olhar para ver o companheiro se aproximando. Conhecia o amigo estrangeiro como a poucos irmãos alados. Bastou ouvir o timbre da voz amistosa para que a imagem do aliado se tornasse nítida em sua mente. A pele morena, o porte médio, porém atlético, os cabelos curtos, castanhos e enrolados; a toga branquíssima enfeitada no ombro esquerdo por um broche dourado em formato de duas asas e presa na cintura por uma corda fina, igualmente áurea; as sandálias de fios de couro, trançados quase até a panturrilha...

— O nascer e o pôr do sol ainda me encantam como da primeira vez em que pus meus olhos sobre eles, meu bom Hermes. Por isso, ainda que a arquitetura de meu templo seja tão gentilmente elogiada por teu refinado tino artístico, prefiro apreciar as artes eternas e intocáveis do mundo.

— Aconselhei que o construísse aqui em cima, justamente por acreditar que não há nada mais belo que a sintonia entre a natureza e as obras erigidas por mentes astutas. Mas tu teimosamente me ignoraste. Imagina que esplendor teriam aquelas paredes de pedras brancas ressaltadas por este chão de gelo ao nascer do sol.

— Esta terra é dos homens. Minha tarefa é vigiá-los e não os inspirar precocemente em coisas que suas mentes ainda não concebem. É melhor que meu palácio esteja protegido de seus olhos, ainda que diariamente eu lamente não ser banhado pelo sol, na furna de meus aposentos.

— O que está feito, está feito — o olympiano retirou a grossa camada de neve depositada sobre uma rocha pouco à frente de Samyaza e sentou-se sobre ela com o flanco direito voltado ao amigo. Mirou o oeste em silêncio

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

e estimou que o sol ainda demoraria alguns minutos até se esconder no horizonte. — Mas não precisas tomar decisões impensadas por conta de um erro já cometido.

— Imaginei mesmo que tua visita não era informal. Pretendes me dissuadir? É tarde. Já convoquei todos os Vigilantes sob meu comando. Esta noite darei a eles a oportunidade de livremente escolher seus destinos, no entanto, já conheço a resposta que me darão.

Hermes sorria sem fitar o companheiro, que mirava o sol. Compactava com as mãos a neve que retirara da rocha construindo uma esfera de gelo branco.

— Fiquei sabendo de tua convocação. Associei às conversas que já tivemos outrora e deduzi que estavas prestes a cometer tal insanidade. Por isso vim com o vento e, pelo visto, cheguei antes de teu homem mais veloz.

— Não é insanidade, Hermes. Eu a amo.

— Já a penetraste?

— Não, obviamente.

— Pelos deuses e deusas do Edhen, Samyaza. Por que não?

— Não posso cometer tal falta — o semblante de Samyaza era austero, seu tom de voz não escondia a vergonha em suas palavras. — Não antes de liberar meus homens de seus juramentos. Enquanto leais a mim, não posso liderá-los rumo ao pecado. Darei a eles a liberdade para delatarem minhas intenções ou tomarem para si o direito de, assim como eu, se entregar a tais desejos.

— Tolice, meu amigo — havia seriedade na voz de Hermes. — Não há necessidade de solenizar tuas faltas. Dar aval de pecado a duas falanges angélicas é iniciar um levante. E iniciar um levante por luxúria não é digno de um comandante celeste. Deverias te preocupar com a segurança de teus homens. Serás odiado em Paradísia como Lúcifer, mas dirão, porém, que caíste por motivo torpe.

— Não é por luxúria, Hermes — irritou-se o comandante dos Grigori, sem, no entanto, retirar os olhos do sol moribundo. — Azazel relatou-me que não há um único anjo de minhas tropas que não esteja sofrendo, encantado por alguma filha dos homens.

— Quanto tempo durará tal amor, Samyaza? — suspirou o olympiano. — Aprendeste sobre o tempo, o espaço e a Roda dos Mundos. És versado na manipulação dos elementos naturais, das plantas, animais, luz e trevas. Acumulaste conhecimentos obscuros à maioria dos deuses, mas és tão cru quanto à malícia humana que permitirás que teus homens caiam vítimas de feitiço ordinário, inerente a todas as fêmeas do mundo.

— E o que entendes tu sobre os feitiços femininos?

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Estás brincando? Sou filho de Zeus, amigo. Enquanto tu estás aí prestes a iniciar uma revolução para poder ceder ao desejo carnal que te consome, meu pai deve estar trabalhando na concepção de mais um bastardo. Seja com uma humana, nereida, ninfa, irmã, prima ou sobrinha. Talvez até mesmo com uma cabra. Nós, olympianos, fingimos que fornicção é algo corriqueiro, banal. Não damos solenidade à coisa e ignoramos as reprimendas conservadoras de outros povos de Paradísia que, na verdade, sentem inveja de nossa libertinagem. A culpa é filha da hipocrisia. A alegria é filha da liberdade.

— O que sugeres, portanto, é que eu quebre meus votos e então faça vista grossa quando meus liderados fizerem o mesmo?

— Por acaso seria pior que iniciar um levante contra teus amos serafins?

— Fingir que não há pecado não reduzirá as consequências dos mesmos. — Pela primeira vez, Samyaza mirou o rosto de seu interlocutor.

— Reduzirá as represálias — respondeu o filho de Zeus. — Continueis vosso trabalho, vossas vigílias, ainda que esquentando os leitos das humanas. As consequências surgirão depois de alguns anos e podem não ser preocupantes como pensas.

— O que queres dizer?

— Ora... enquanto os deuses olímpicos proliferam bastardos sobre a Terra, suas esposas, lideradas por Hera, vivem de dar cabo dos pobrezinhos. Não vos incito ao infanticídio, porém. Deixei que os homens criem vossos filhos, como se deles fossem. No máximo, fortalecerão a linhagem mortal. Assumir perante a Cidade de Prata que são ímpios fornicadores que abandonaram vossas obrigações seria desafiar a autoridade de vossos príncipes.

— Seria o honesto a se fazer — Samyaza apertou os olhos com o indicador e o polegar. — Imagino que com o tempo distrair-nos-emos de nossos preceitos. Nossas responsabilidades junto aos mortais se tornarão secundárias perante a satisfação de nossos desejos. É melhor encarar a realidade desde o começo.

— Inacreditável — Hermes se fartou de tanta pieguice. Levantou-se da rocha e fitou uma imensa fenda na montanha preenchida por sombras e um pouco de neve suja. — Não há entre vós, comandantes celestes, um sábio experimentado nas malícias do mundo, que coloque juízo na cabeça teimosa de vosso líder?

Uma figura astuta saltou para fora da fenda, sendo observado por Hermes e Samyaza. Postou-se sobre um dos joelhos perante o comandante Grigori. Tinha os cabelos negros e grossos, presos em um rabo de cavalo. A barba igualmente escura, áspera, aparada em um bigode e cavanhaque fartos. A pele era queimada de sol e os olhos tinham um verde vivo. Sua vestimenta era negra como a de seu líder e escondia parcialmente um peitoral de placa metálica única, polida até brilhar. Calçava manoplas e caneleiras igualmente brilhantes.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Todos os homens já o aguardam no palácio, senhor — anunciou Azazel, o principal capitão e conselheiro de Samyaza.

Samyaza nada respondeu, de pronto. Mirou o oeste e frustrou-se ao descobrir que o sol já havia desaparecido no horizonte, alheio a sua atenção.

— Todos os duzentos? — indagou secamente.

— Todos eles, senhor.

— Obrigado, Azazel. — Samyaza tocou o ombro de Hermes, também lhe balbuciou algum agradecimento, depois se retirou por uma trilha da montanha.

Azazel levantou-se e fitou os olhos do mensageiro olympiano. O rosto do celestial era enigmático, mas Hermes já o conhecia. Sabia que a malícia que faltava em Samyaza transbordava no homem que era seu braço direito.

— Vós sereis perseguidos — anunciou o filho da ninfa Maia. — Como diplomata, nada poderei fazer por vós quando confrontardes vossos serafins. Ajuda-o na formação de uma resistência quando o litígio se tornar iminente. Suportai ao máximo as investidas de vossos príncipes e, quando diálogos sobre reconciliação se tornarem atrativos, então poderei tentar interceder por vós junto aos grandes de Paradísia.

— Seremos um exército, Hermes — respondeu Azazel com fervor. — Faremos muito mais que resistir. Seremos um incômodo muito numeroso para Miguel iniciar uma batalha direta no plano físico. Vamos aniquilar sem piedade os grupos de elite que os serafins muito discretamente e cautelosamente enviarão em nosso encalce. Captares e dominações milenares encontrarão a morte fácil sob o jugo de nossas lâminas e de nossa magia.

— Duzentos homens? — Hermes tentou fazer com que sua observação não parecesse escárnio. — Não me parece uma tropa muito volumosa, Azazel.

— Duzentos irmãos celestes. Por enquanto... — Azazel caminhava ao largo do olympiano iniciando a trilha usada, instantes antes, por Samyaza.

— Ainda que vossos homens se reproduzam como coelhos, não creio que poderão ombrear com seus rebentos contra as fileiras angélicas assim que os serafins agirem — insistiu Hermes, dirigindo a voz ao anjo já de costas.

— Se for verdade tudo aquilo que ouvi, tu roubaste um rebanho de teu irmão na noite do mesmo dia em que fora trazido ao mundo — rebateu Azazel, sem olhar para trás, após parar por um instante sua caminhada. — Não deverias subestimar a capacidade de nossas futuras crias. No entanto, filho de Zeus, não contaremos com uma tropa de lactentes para confrontar a tirania de Miguel. Ouvirás falar sobre o formidável exército de Samyaza

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

e Azazel e perceberás que a luxúria que motiva nossos homens será apenas o pretexto inicial para um conflito sem precedentes. Uma guerra por liberdade que renovará a face da Terra.

Hermes não fazia ideia do que poderia estar passando na mente ardilosa de Azazel. Tinha, no entanto, a certeza de que nem mesmo sua terrível madrasta, Hera, seria capaz de arquitetar a tragédia que estava por vir. Olhou para o firmamento, que começava a apresentar as primeiras estrelas da noite. O vento gelado da montanha golpeou sua pele com fúria, mas não foi de frio que se arrepiou o olympiano.

As superfícies do Céu e da Terra ganhariam novas faces, preconizou.

II

Sul do vale do Rio Jordão — 4039 A.C.

O estranho aparecera em uma noite de lua clara no céu. Deixou o acampamento inteiro alarmado, mas, de algum modo, ninguém o abordou. Trazia consigo uma garotinha com não mais de nove anos de idade, cabelos rubros e olhos claros. Na manhã seguinte, passou a acompanhar, cerca de cem passos atrás, a caravana que voltava do noroeste com suprimentos diversos para serem comercializados na Cidade das Palmeiras. Era uma caravana pobre, familiar, menos de vinte pessoas a compunha e elas não tinham recursos para contratar soldados para prover a segurança. Portanto, a presença do estranho encapuzado despertava medo no coração dos menos bravos, se é que havia algum bravo ali. A companhia da pequena ruiva era um alento. Salteadores não costumavam agir sozinhos, muito menos acompanhados por suas crianças. A voz do estranho nunca se fazia notar, mas as gargalhadas da criança eram vibrantes, gostosas de serem ouvidas. Estranho e criança conversavam bastante e, embora não fosse compreensível o idioma estrangeiro, todos concordavam que eles se davam bem. Percebiam também que pouco se alimentavam. Muitos diziam que estavam racionando a comida escassa, alguns, que os achavam vigorosos para quem está poupando alimento, julgavam que comiam apenas no sigilo da noite para não compartilhar aquilo que possuíam com os demais. Os dias e noites iam passando iguais, sem que os dois estrangeiros fizessem contato, tampouco algum membro da caravana.

A pequena Ruth era curiosa, como é curiosa a maior parte das crianças. Deveria ter a mesma idade da estrangeira ruiva, talvez um pouco mais. Em sua concepção infantil, era absurdo todos falarem, todos os dias, sobre os estrangeiros e ninguém falar *com* os estrangeiros. Em uma noite de meia-lua, sem dar chance de alguém lhe censurar, a garota apanhou um corno de cerveja e um pedaço de pão e se esgueirou do acampamento indo em direção à distante fogueira dos peregrinos misteriosos.

— Vocês deveriam comer mais — disse a criança estendendo ambas as mãos, que seguravam os alimentos. — Ainda estamos a alguns dias da cidade. Precisarão estar fortes para completar a viagem.

Os estrangeiros se olharam em silêncio e foi a garotinha de cabelos cor de cobre que se levantou da beira do fogo e apanhou o corno e o pão. Foi a primeira vez que alguém da caravana pôde ver de perto os dois desconhecidos. A criança estava com o capuz da túnica marrom baixado sobre os ombros, seus cabelos ondulados tinham uma tonalidade quente sob a luz da chama, enquanto seus olhos grandes ganhavam um matiz verde-escuro. Sua pele alva parecia nunca ter sido tocada pelo sol. O estranho deveria ser velho, provavelmente subiu o capuz quando viu Ruth se aproximando, mas uma mecha de cabelos brancos era visível àquela distância, caída ao longo do pescoço grosso, tinha a pele pálida como a da criança. Ruth julgou se tratar de pai e filha.

— Obrigada — disse a menina ruiva voltando a se sentar.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Vocês falam a minha língua? — perguntou Ruth, excitada.

O estranho ignorou. A criança curiosa pensou ter ouvido um grunhido abafado ser emitido por debaixo do capuz. A menina ruiva oscilou negativamente a cabeça e repetiu, agora de modo menos natural:

— Obrigada.

— Oh... disponha — respondeu a pequena, antes de voltar correndo às fogueiras de seu acampamento.

— Parece que tua aura intimidadora não funcionou bem com essa criança, Arseth — a menina provocou o homem sentado ao seu lado, enquanto observava a jovem peregrina se afastar.

— Tu deverias ter vergonha — respondeu o encapuzado. — Não precisamos comer. Isso pode lhes fazer falta.

— Que coisa mais doce a tua preocupação com esses mortais — a garota provou um pouco da bebida para, então, cuspir vigorosamente na fogueira. — Que horror! Como sobrevivem disso?

— Se todos os nossos sentidos são mais apurados que os dos mortais, por que pensaste que teu paladar não sofreria com o amargor desta bebida?

— Às vezes esqueço o quão difícil é a vida dos homens. Pouco desfrutam das maravilhas da Criação. Passam pela Terra sobrevivendo, somente.

— Deverias te preocupar conosco. A vida terrena é um piscar de olhos para esses pobres. Basta que adorem o deus certo, façam os sacrifícios adequados e sigam as regras de seus profetas para que Paradísia os receba de braços abertos. Somos nós os banidos de lá. Se não descobrirmos logo o que está havendo, podemos ser julgados com mãos de ferro de novo.

— Tenhas um pouco de empatia, Arseth — a criança repreendeu o companheiro. — A ti não custa nada zelar um pouco pelos mais fracos. Ademais, se tuas habilidades de rastreador não te permitem localizar uma cidade decente, serias mais útil se ao menos encontrasses alguma caça para esses coitados que estão nos servindo de guia. Percebeste a coloração da pele da criança? Está anêmica.

— Não me confundas com um maldito querubim, Lanis — Arseth se deitou no chão, apoiou a nuca sobre a mão esquerda; com a direita pôs à frente dos olhos a esfera alva do tamanho de uma jabuticaba, que servia de pingente ao cordão rustico que enfeitava seu pescoço.

— Tu denigres a minha casta, finges ter o coração endurecido, mas contemplas com amor o adereço simplório que esta querubim aqui te ofertou quando despertaste. No fundo, tens um coração lindo, capture. Sabes disso.

— Até mesmo um incêndio produz luz. Tu me enxergas como preferires.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Por Demiurgo, Arseth... — Lanis virava os olhos. — Tu estás mais amargo que a cerveja deste corno.

— Escuta, Brisa Sidérea — Arseth chamou a parceira por seu título angélico, ainda fitando a joia que segurava com a ponta dos dedos. — Não tenho motivo algum para júbilo ou mesmo para começar a me apiedar dos pobres seres que rastejam no plano físico. Apenas não me disponho a consumir a pouca comida que esses bastardos têm. Isso não significa, no entanto, que eu dê a mínima para a saúde deles. Quero apenas descobrir se o fim do mundo já está próximo. Caso contrário, alguém terá que me explicar porque fui acordado antes da hora.

III

Cavernas próximas ao Mar Salgado.

A pequena querubim usava uma adaga para desenhar, no chão de terra, runas desconhecidas em torno de um círculo cujo diâmetro não chegava a ter um metro. A lâmina parecia desajeitada na mão infantil e delicada. Usava uma túnica branca com detalhes metálicos, broches e alfinetes dourados, que prendiam as vestes cerimoniais da jovem celeste. Seu cabelo era bastante cacheado, e dourado como o sol. À luz da única tocha, que pouco fazia por iluminar o ambiente úmido da gruta, as madeixas da menina-anjo ganhavam um aspecto mais selvagem que a própria chama do archote. Enquanto desenhava seus símbolos, parecia balbuciar algo, ainda que Satoshi não tivesse ouvido palavra alguma ser proferida por aquele anjo pueril, ao longo de todos aqueles dias de jornada. Vez por outra, a criança lhe voltava aqueles olhos grandes e azuis e sorria de maneira tímida, voltando a concentrar-se nas runas.

Satoshi sentia frio e, sendo também um anjo, achava estranho sentir seu corpo físico tão debilitado, a ponto de tremer feito um mortal. Suas memórias eram confusas e tentava reorganizá-las da melhor maneira que podia. Tinha lampejos do combate entre irmãos alados que se sucedeu após o Portador da Luz iniciar uma rebelião pelo domínio da Cidade de Prata. Combate esse do qual se absteve e fora julgado como traidor pelos irmãos vencedores. Uma idiotice, decerto, a decisão que tomara. Qualquer um dos lados que se sagraisse vencedor iria cobrar caro pela inércia daqueles que não tomaram partido. Ao menos não havia escolhido o lado errado, isso era um consolo. Pouco sabia sobre o Tártaro, lugar para onde Lucibel e os anjos que seduziu foram condenados após sua derrota, mas sabia que não se tratava de um lugar agradável. Olhou suas mãos gélidas ainda em tremor, suas unhas estavam finas como papel, a pele branca ressecada, mergulhou os dedos entre os densos cabelos negros e começou a pressionar as têmporas, como se pudesse espremer para fora a maldita dor de cabeça que sentia. Sabia que estava sendo observado. Não pela querubim, concentrada em suas gravuras na terra, mas por outro tipo de anjo, um anjo fêmea também, mas nada infantil. Imersa nas sombras da caverna, aquela mulher esguia de cabelos compridos cor de carvalho e olhos amendoados cor de mel era protegida por uma cota de malha belíssima, forjada em metal escuro que descia como um vestido até pouco acima dos joelhos. Da lateral de seu cinto pendia um sabre ornamentado sem bainha. A arma parecia ser feita de metal levíssimo e muito afiado. Satoshi não confiava nessa irmã intimidadora, embora, desde que despertara, a vinha mantendo sob sua custódia. Não tinha de fato muitas outras opções. Aquela Celeste não era o tipo de anjo que sorri de forma pura enquanto desenha no chão, era o tipo de anjo que nunca se permite conhecer completamente; que disciplina o semblante a nunca expressar o que sente; que se tiver alternativa, não se mistura com outros alados e menospreza abertamente os mortais; que tem por ofício a caça de demônios e anjos fugitivos. Quando as criações de Demiurgo começavam a se organizar em

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

grupos, de acordo com suas funções e habilidades, pouca importância se dava ainda à nomenclatura de cada casta. Quando da rebelião de Lúcifer, era consenso chamar esses caçadores solitários, assediados por ambos os lados do front, de Rastreadores. Eles mesmos se autointitulavam “captares”. Já Satoshi era um nimbus. Sua casta era rara e pouco combativa. Mais voltados à política na Cidade de Prata, esses Celestes possuíam muitos dons voltados à manipulação mental de seus alvos e pouco escrúpulo no momento em que era necessário usá-los. Dons e escrúpulos eram inadequados agora. Satoshi se sentia absurdamente debilitado e decidiu que era mais seguro lidar com seus captores sem tentar usar seus poderes.

— Por que não conversais comigo? — indagou Satoshi pela centésima vez, desde que se lembrava estar desperto. — Por que me trouxestes a este lugar? Por que não explicais por que me sinto tão fraco? — percebeu que a menina-anjo lhe dirigiu um olhar piedoso e dirigiu a ela sua voz e olhar. — Diz... por que e como vos sou útil?

— A querubim é silenciosa — foi a captare quem tomou a palavra e saiu do escuro, tendo o contorno delineado pela luz crepitante. — É por isso que não conversa contigo. Quanto a mim, não me interessa por colóquios vazios, mas está próximo o momento em que conversaremos. No entanto, advirto, será breve. — Fez um gesto de chamamento em direção à entrada da gruta e o gigante humano que os acompanhou durante os últimos dias adentrou curvado. Passava dos dois metros e meio de altura e era extremamente robusto, carregava pendurada nas costas uma arma rústica de madeira com cravos de metal enferrujado projetados em uma das extremidades. — Traga a imagem de pedra — disse ao enorme homem e este se aprofundou na gruta, desaparecendo na escuridão.

— Silenciosa? — perguntou Satoshi voltando a olhar a querubim.

— Muda — respondeu secamente a guerreira esguia. — Fez um voto de sacrifício a fim de obter as graças do Pai. O que, ao que parece, foi de grande valia, pois é jovem e aparenta ser tão promissora nas artes arcanas quanto fora Samyaza, antes de ser aplacado por luxúria imbecil.

— Quem é Samyaza? — Satoshi esfregava e soprava as mãos, não percebendo que a captare virara os olhos, impaciente, diante de sua pergunta.

— Ninguém especial...

— É chegado o dia do Juízo?

— Sim, mas somente para alguns...

A captare rolou uma pedra grande usando a sola do pé esquerdo e sentou-se sobre ela de frente a Satoshi, fitando os olhos negros e rasgados do nimbus. Muitos segundos passaram sem que nenhum dos celestes desviasse o olhar naquela disputa implícita de bravura moral. Foi a mulher-anjo quem quebrou o silêncio:

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— São essas as tuas dúvidas? Aproveita e indagues agora o que quiseres, pois quando eu começar a fazer as perguntas, não irei tolerar interrupções que visem respostas a questões irrisórias.

— Questões irrisórias... — balbuciou Satoshi para si mesmo. Havia uma infinidade de questionamentos que gostaria de ter esclarecido com sua interlocutora, mas a revelação de que seu julgamento derradeiro estava próximo tornara quase todas as perguntas descartáveis, ínfimas... irrisórias. Talvez a guerreira soubesse disso e o desconcertara intencionalmente. O anjo buscou em seu repertório de dúvidas alguma que ainda se mostrasse importante, mas teve a atenção furtada quando o humano colossal retornou da escuridão, trazendo consigo uma imensa escultura de quartzo leitoso. Sua forma, ainda que irregular devido aos contornos prismáticos característicos do minério, revelava uma nítida figura humana abraçada às próprias pernas, em posição fetal.

— No círculo — ordenou a capture e o gigante anuiu colocando a tosca estátua sobre a figura desenhada no chão pela querubim.

As runas brilharam escarlates assim que a pequena Celeste cravou a lâmina da adaga no chão terroso. Logo, todo o círculo foi tomado por uma incandescente cintilação que contagiou o ídolo de quartzo. A rocha passou a pulsar cada vez mais fulgurante, ondas de brilho derramavam claridade até os cantos mais obscuros da gruta. Súbito, um estampido grave fez Satoshi piscar surpreso. O som de pequenos pedregulhos brancos correndo pelo chão frio era notório. A estátua de rocha ganhava vistosas rachaduras. A querubim descravou a adaga do solo e se afastou com rapidez. A capture ergueu a mão direita espalmada a menos de um palmo do nariz, gesto imitado prontamente pelo nimbus. Lascas de rocha leitosa voaram por toda a caverna acompanhadas por um estrondo surdo e pelo desvanecer da rubra luz. O gigante meio-humano gritou de dor ou de medo. O fogo do archote preso à parede da gruta fora minguido pelo vento revoltado causado pela explosão e apenas uma tímida chama nele ainda crepitava, lutando para não morrer. Era o suficiente para alumiar o anjo nu deitado e tremendo sobre as epígrafes rabiscadas no chão. Tinha os traços delicados, um corpo feminino delgado, cabelos negros e lisos que alcançavam somente a altura do queixo, a pele muito pálida revelava sua condição física incomum, oriunda do cárcere. Satoshi, no entanto, sabia que originalmente a cútis da mulher-anjo não tinha coloração tão distinta daquela que via agora. O nimbus conhecia aquela irmã celeste. Foram julgados pela mesma omissão em um tempo de difíceis escolhas. Pertencia ela à casta dos corpores, os celestiais mais próximos dos humanos, obstinados protetores das frágeis criaturas terrenas. Seu nome era Laurel.

— Quem são vós? O que quereis conosco? — finalmente conseguiu Satoshi externar uma dúvida plausível.

— Sou Mehiel, da casta capture, chamada Venadora Infalível, pois não dependo apenas dos dons angélicos para rastrear minhas presas. Para localizar os ignavos ainda cativos no mundo dos homens, pesquisei milenares lendas tribais sobre a queda de astros luminosos e confrontei com formações geológicas peculiares, assim cheguei a vós. A essência celestial que possuís não pulsa do barro, pois fostes marcados por Miguel. É preciso escavar

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

metros e metros até que uma rocha em formato de homem seja encontrada. Por isso domino a mente desses mestiços para que façam o trabalho pesado e tedioso. O nome do brutamontes é Humbor, sua força e tamanho são descomunais, pois é nascido de mulher que fornicou com anjos rebeldes. As crias nascidas de tal ato abominável nunca são ordinárias, podem ter o corpo ou o espírito tocado pela magnitude dos pais. Os que se agigantam fisicamente são chamados Gibborins. — Mehiel explicava com detalhamentos que não combinavam com a frieza de seu tom. Apontou a criança celeste. — Ela é Eluah, uma querubim, obviamente. Profunda conhecedora das artes arcanas, ela pode dar o impulso que um ignavo precisa para se libertar da rocha na qual fora aprisionado pelos serafins. E o que queremos de vós, indolentes, são respostas sobre um passado incerto e delicado. Os poucos celestes viventes que presenciaram os confrontos da *Primeira Rebelião* sustentam a versão dos vencedores. Perguntar a um Caído sobre os fatos que orquestraram tal conflito somente dilatava as dúvidas sobre o episódio. Nós, anjos criados em tempos recentes, herdamos a incerteza de tais eventos. Tenho esperança que vós, que não pudestes tomar partido, possais nos dar um lampejo mais próximo da verdade, mas não posso confiar na perturbada memória de apenas um de vós. Por isso hei de inquirir a ambos.

IV

Norte do vale do Rio Jordão.

A noite mal começara, mas desde o começo da tarde despencava do céu uma forte tempestade. Mitzrael não havia despertado há muitos meses, mas o suficiente para saber que tal condição climática era algo atípico àquela região. A vegetação naquele ponto era bastante fechada, com as copas das maiores árvores absorvendo a maior parte da força da água. Ainda assim, o arcanjo estava encharcado. O cabelo loiro e comprido, que preferia esconder enrolado em um turbante de tecido grosso, estava solto e desfeito, grudado no rosto e nas vestes rústicas, típicas da região semiárida que se estendia ao longo do rio Jordão. Carregava o tecido do turbante na mão direita e apressava o passo a cada segundo, enquanto serpenteava por entre troncos, arbustos e cipós. Mitzrael estava sendo perseguido.

Ele sabia disso.

A figura alta escondia a face por debaixo de um capuz sombrio. Um sobretudo inteiramente negro lhe cobria o corpo da cabeça aos joelhos. A pele das mãos estava à vista, era negra e brilhante, suas sandálias de couro escuro trançado prendiam sobre as canelas uma espessa pele animal cinza e felpuda, que servia para aquecer os membros, protegendo do frio noturno, servia também para ocultar tiras de metal reforçado que protegiam a perna do combatente de lâminas oportunistas. Tal perseguidor, Mitzrael sabia, não precisava se preocupar com o frio ou qualquer outro flagelo que aplacava os homens daquela terra miserável e responderia a lâminas oportunistas com lâminas letais. O arcanjo sentira o pulsar daquele espírito superno. Sabia que era perseguido por um irmão celeste.

Quanto mais o arcanjo apertava o passo, mais sentia que seu algoz se aproximava. Não o via correr, apenas parecia mais perto após os instantes em que a densa vegetação se colocava entre os dois. Poderia ser um alado Rastreador ou mesmo um dos irmãos ligados à natureza, amigos de plantas e animais, conhecidos também como potências, ou potestades. A verdade é que não importava a que casta pertencia o anjo que o perseguia. Mitzrael era um anjo condenado ao exílio e ao sono absorto, que, por algum motivo, despertara antes do que deveria. Portanto sabia que, por mais que não fosse responsável pela abreviação de sua própria pena, com exceção dos irmãos igualmente indolentes, não tinha mais amigos vindos do Céu.

Disparou em corrida na floresta e então viu que seu perseguidor também era capaz de correr. E rápido. Os passos explodiam poças de lama e os braços derrubavam água acumulada das folhas, enquanto abriam caminho na mata densa. Mitzrael percebeu que, correndo, perdera ainda mais terreno para o anjo de pele negra, ainda que aquele bosque lhe fosse demasiado familiar. Viu a distância entre ambos diminuir perigosamente. Seu oponente parecia determinado, nenhum obstáculo parecia retardar seu avanço. O arcanjo sorriu ao perceber que à frente se encontrava uma falha no terreno: a fenda de uma profunda ravina que era camuflada pela vegetação presente nos

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

barrancos. O ignavo mergulhou por entre arbustos que misturavam suas folhagens, tão próximos quanto amantes, impulsionou no chão molhado e saltou buscando a outra margem da imensa fenda. Teria de vencer cerca de quinze metros de distância, o que não o preocupava. Olhava por sobre o ombro e sua atenção estava voltada a saber se seu perseguidor perceberia a mudança brusca no terreno, antes que fosse tarde demais. Seria interessante presenciar um anjo despencar por quase quarenta metros e ser obrigado a arrancar da carne das costas suas asas astrais.

Frustrou-se.

O anjo negro pareceu não precisar olhar o solo para perceber o abismo e saltar com maestria em perseguição ao arcanjo. A chuva, agora desimpedida naquele espaço sem árvores, batia com vigor nos rostos dos dois Celestes. O capuz do obcecado rendeu-se sobre os ombros, revelando um rosto negro, forte, desprovido de cabelos ou barba. As grossas gotas de chuva lhe golpeavam os olhos, que quase não piscavam. Mitzarael, quase na outra margem do vale, ainda sorria.

Um estrondoso trovão ecoou na selva. Seu relâmpago transformou a noite em dia por meio instante. Nem os olhos guerreiros do anjo negro eram capazes de afrontar tal fúria natural. Piscou e quando sua vista tentou focar a presa à frente, seu instinto clamou e, em meio ao seu trajeto livre no espaço do vale, foi obrigado a olhar para cima. Um imenso punho se desenhava há centímetros de sua face, não do homem que perseguia, mas de uma figura bruta, musculosa, de peito nu. Não pôde se defender e o golpe violento não só interrompeu seu trajeto, como o lançou à encosta contrária a que desejava alcançar. Rolou dezenas de metros sobre lama, pedras e arbustos, até tombar em um raso riacho enfurecido pela chuva.

Sentia o gosto e o cheiro do sangue que vertia de seu nariz destruído. Observou o homem que o golpeou descendo pelo barranco o qual o anjo negro fora obrigado a percorrer em queda caótica. Deslizava com as pernas flexionadas e com uma das mãos lançada à terra do barranco, suavizando sua senda. O guerreiro de punho duro como pedra tinha o cabelo alvo e cortado muito curto, diversas cicatrizes enfeitavam os músculos do tórax e dos braços. Seu semblante impassível não condizia com a bestialidade que podia causar com as mãos. Levantou-se, avistou o homem outrora perseguido à sua frente com a corredeira de águas barrosas à altura das coxas. Teria de enfrentar dois oponentes, no entanto, nenhum deles parecia portar arma ou trajar armadura. Deslizava a mão direita por baixo do sobretudo buscando sua espada, quando foi, uma vez mais, surpreendido: uma mão agarrou seu braço conduzindo-o às costas enquanto uma pequena lâmina lhe esfriava a garganta.

— Um guerreiro demonstra sabedoria quando percebe e admite que deixou de ser o caçador — sussurrou a voz que empunhava a lâmina fria.

— Vós Caídos sereis sempre caçados, não importa as circunstâncias — rebateu o guerreiro de sobretudo.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— “Caídos” é um termo um tanto exagerado, nobre irmão — a voz do guerreiro furtivo já não era um sussurro. — Não escolhemos “cair” da Cidade de Prata, fomos arremessados de lá.

Mitzarael se aproximava, assim como o guerreiro das cicatrizes. O anjo de pele negra temia por sua segurança, sobretudo estava intrigado. Nunca soubera de um Caído que negasse as próprias origens nefastas. Os anjos da primeira rebelião — quando da queda de Lúcifer — eram tão antigos que jamais precisariam se utilizar de palavras enganosas frente a um antigo companheiro, ainda mais em vantagem numérica. Tinham orgulho de seu status e, se caminhavam livremente no mundo dos homens, isso era um fato novo, um abominável fato novo. Já entre as duas centenas daqueles que se uniram a Samyaza e Azazel e se rebelaram contra Miguel em troca de prazeres carnavais com as filhas dos homens — e que também eram denominados “Caídos” pelos irmãos celestes — havia toda espécie de anjos, porém esses paradisianos tomados pela luxúria não teriam como dizer que foram “arremessados” da morada divina, uma vez que abandonaram Paradísia por vontade própria. Diante de questão tão confusa, o anjo subjugado não via alternativa, senão a de tornar a situação a mais clara possível:

— Sou Selival, “A Chama Negra” — bradou, tentando fitar nos olhos os dois guerreiros que se aproximavam. — Minha busca é por uma companheira chamada Laiakin, provavelmente tomada como refém por rebeldes dissidentes da Cidade de Prata.

— Sou Mitzarael, “A Lâmina de Demiurgo” — respondeu o anjo de cabelo dourado e comprido e apontou para o guerreiro ao seu lado. — Este é Arthorius, “O Indômito”, e este que te rende é Inurah, “A Sombra Celeste”. Não temos conhecimento de nenhum desses nomes que mencionaste. Na alvorada dos tempos faltamos com nossas obrigações e fomos lançados ao mundo mortal em sono profundo, para sermos despertados somente no dia do Juízo de Deus. Há algumas luas, fomos despertados por uma celeste que tentou nos obrigar a responder uma série de indagações. Desde então, estamos arredios, pois na ocasião acreditamos que seríamos mortos por nossa algóz, no entanto, mais do que ela, precisamos de respostas, pois este mundo é diferente daquele que conhecíamos. Por nossa necessidade, te atraí até aqui e, por nossa cautela, não foste recepcionado de modo amistoso.

— Não é possível — Selival parecia perplexo. — Sois mesmo ignavos e despertastes só há alguns meses?

— Ignavos... — refletiu Inurah, em voz alta. — Fomos chamados assim por um dos serafins arcanjos no dia de nossa sentença. Só não me recordo qual... Uriel, eu apostaria.

Outro relâmpago rasgou o céu tormentoso, mas a violência da chuva diminuía. Arthorius se aproximou de Selival e lhe abriu o sobretudo, viu que o anjo trajava uma armadura celeste forjada em metal negro. Uma espada longa pendia na bainha presa ao cinto que o Indômito desafivelou, trazendo para si juntamente com a arma do inimigo. Desembainhou e ergueu a espada avaliando seu fio.

— Não és um Rastreador, meu amigo — disse Arthorius com os olhos ainda fixos na lâmina. — Por que então estás solitário a caçar um anjo perdido? Onde está tua falange?

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

A princípio, o Chama Negra não respondeu. Fitou, sombrio, o semblante daquele guerreiro que, embora parecesse bruto, do alto de seus quase dois metros de altura, estava longe de ser ignorante. De fato, o combatente levantara uma questão deveras pertinente. Tão pertinente que nenhum dos outros dois ignavos proferiu palavra alguma até que, por fim, Selival decidiu que sua situação não tinha como piorar:

— Sou um dominação. Há muito que procuro Laiakin sem o consentimento da Cidade de Prata — tentou ler os semblantes dos dois celestes a sua frente diante de tal revelação, mas não obteve nada em especial. — Todas as falanges celestes foram convocadas de volta aos seus postos em Spiritum ou Paradísia. Recusei-me a atender o chamado divino e devo lidar com meu purgo, assim que encontrar minha amiga. Não antes disso. A última informação que tive dela era a de que ela havia caído em mãos inimigas. Por minha honra como guerreiro, hei de salvá-la. Infelizmente, meu tempo está se esgotando.

— O que motivaria a retirada de todo o exército celeste dos postos terrenos? — questionou Mitzrael. — Há algum conflito nos planos espirituais?

Selival mirou o arcanjo nos olhos, estudando se deveria confiar nesses irmãos desconhecidos. Certo estava de que pagaria pelo crime de desobediência, ao abraçar uma demanda particular sem autorização de seus superiores. No entanto, o vazamento de informações sigilosas sobre a política celeste demandaria uma punição bem mais severa. Em toda a sua existência, Selival jamais envergonhou as hostes as quais compôs. Sempre fora dedicado, perseverante e incorruptível. Acima de tudo, um guerreiro apaixonado. Paixão era seu combustível, nunca pensou que viria a ser sua ruína. A paixão por Laiakin nasceu na primeira missão que cumpriram juntos e cresceu como cresce um rio a cada afluente que lhe desemboca suas águas. Cada momento, cada olhar, cada toque... era como um riacho a alimentar o flúmen de fascínio que sentia por aquela capture. A vida sem ela pouco valeria e Selival se desesperava a cada instante longe dela. O Chama Negra acreditava veementemente que sua motivação era virtuosa. Embora o amor entre celestes devesse ser mais fraternal e menos carnal, não admitia enxergar como pecado os sentimentos que nutria pela Celeste. O guerreiro precisava de ajuda em sua busca e, quando nenhum irmão alado pôde ombrear junto dele em tal demanda, percebeu que, tal qual Samyaza, somente um tolo movido por ardor desafia os desígnios supernos. Até o presente momento, era ser um tolo solitário, mas acabara de encontrar três irmãos há muito esquecidos. Irmãos igualmente teimosos e que desafiaram a vontade divina, talvez não por paixão. Por inércia, alguns diriam; por covardia, muitos outros apostariam; por oportunismo, vários estariam decididos. Selival queria acreditar em algo diferente. Desejava crer que esses irmãos teriam, no fundo, algum ideal nobre. Alguma chama determinante que lhes impedira o engajamento na guerra contra Lúcifer. O anjo negro ousava acreditar que seu destino havia cruzado com o desses irmãos por vontade divina, como providência para o cumprimento de sua missão e mesmo para a redenção dessas lendas vivas. Selival estava decidido. Por falta de opções, por crença cega, por desespero ou por instinto: confiaria nos ignavos.

IGNAVOS
E o inferno que jorra do céu

— Se me permitirdes alguma dignidade, posso responder vossas indagações — Selival apanhou com gentileza o punho de Inurah e afastou a lâmina de seu próprio pescoço. — Se me disserdes toda a verdade sobre vós, igualmente compartilharei qualquer segredo. Se me ajudardes a encontrar Laiakin, tereis em mim um amigo que não medirá esforços para salvar-vos.

— E do que precisamos ser salvos? — A voz de Inurah parecia um sussurro vindo de todos os lados. Não estava mais à retaguarda de Selival, não estava em lugar algum. Usava a escuridão e o ruído contínuo da chuva como aliados valiosos que encobriam sua presença e confundiam os sentidos daqueles a sua volta. Assassinos com tais habilidades faziam renome dentre os captares mais astutos da Cidade de Prata.

Selival dedicou a visão aos dois celestes que se permitiam ser vistos, abriu a mão direita e voltou sua palma para cima retraindo um pouco os dedos, como se apanhasse um punhado de chuva.

— Digo que vós precisais ser salvos, irmãos, do fim do mundo como o conhecemos.